

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

FRANCICLEIDE MESQUITA DE SOUSA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO E A BRINCADEIRA E SUA RELAÇÃO COM
O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

**SÃO BENTO - PB
2021**

FRANCICLEIDE MESQUITA DE SOUSA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO E A BRINCADEIRA E SUA RELAÇÃO COM
O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Prof. Marlécio Maknamara da Silva Cunha

**SÃO BENTO - PB
2021**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586r Silva, Francicleide Mesquita de Sousa.

Reflexões sobre o movimento e a brincadeira e sua relação com o desenvolvimento infantil / Francicleide Mesquita de Sousa Silva. - João Pessoa, 2021.
39 f.

Orientação: Marlécio Maknamara da Silva Cunha.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - modalidade à distância) - UFPB/CE.

1. Lúdico - jogos e brincadeiras. 2. Psicomotricidade.
3. Ação educativa. 4. Educação infantil. I. Cunha, Marlécio Maknamara da Silva. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 373.2:159.9(043.2)

REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO E A BRINCADEIRA E SUA RELAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

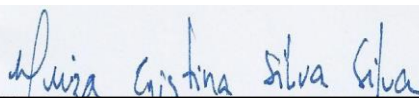
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado em: 11 de junho de 2021.

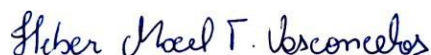
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marlécio Maknamara da Silva Cunha
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Profa. Ms. Luíza Cristina Silva Silva
Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Prof. Ms. Heber Maciel Tenório Vasconcelos
Universidade Federal de Alagoas - UFAL

AGRADECIMENTOS

À Deus, por sua infinita bondade em me abençoar até aqui.

À minha mãe, pelo esforço empenhado desde cedo na minha criação e de meus irmãos.

Às minhas filhas, por todo carinho e amor dedicados a mim durante toda essa empreitada.

Aos demais familiares, por todo esforço e compreensão para minha formação acadêmica.

Ao meu orientador, Prof. Marlécio Maknamara da Silva Cunha pela paciência, compreensão e auxílio nessa jornada.

Aos professores do curso, pelos ensinamentos.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca da influência do movimento e da brincadeira no desenvolvimento infantil como elementos de formação motora e social. Há muito tempo discute-se a relação entre jogos e brincadeiras no contexto educativo. Logo, o principal objetivo da presente pesquisa é estabelecer a conexão entre jogos infantis e desenvolvimento e, no pormenor, entre psicomotricidade e ação educativa. Atualmente, vários pesquisadores buscam compreender este fenômeno, na tentativa de elucidar questões como: as funções que estas atividades exercem sobre o desenvolvimento infantil; os motivos pelos quais a criança deve brincar; o que a brincadeira proporciona à criança no que diz respeito à aprendizagem e etc. Com o fito de investigar estas e outras questões, analisa-se o *ato de brincar* – tão importante na rotina da criança – sob o viés psicopedagógico, para tentar estabelecer um inventário das colaborações que os estímulos psicomotores contidos nas brincadeiras proporcionam ao desenvolvimento infantil. Além disso, é examinado em que medida devem ser valorizados ou descartados os jogos no contexto educacional. Conclui-se que o processo de aprendizado diretamente influenciado pelo uso de brincadeiras, propicia um maior desenvolvimento infantil em vários aspectos, desde intelectuais, afetivos, psicomotores e sociais. A metodologia de pesquisa é dedutiva, com base na revisão bibliográfica de autores que versam sobre a *teoria do desenvolvimento humano, ação educativa e psicomotricidade*. Os dois primeiros tópicos estão fundamentados nos estudos de psicologia da educação de Wallon, Piaget e Vygotsky, e o último em artigos científicos relacionados à disciplina de Educação Física.

Palavras-Chave: Jogos. Psicomotricidade. Ação Educativa. Educação Infantil

ABSTRACT

The present work proposes a reflection about the influence of movement and play in child development as elements of motor and social formation. Games and their importance in the educational context have been discussed for a long time. Therefore, the main objective of this research is to establish the connection between children's games and development and, in detail, between psychomotricity and educational action. Currently, several researchers seek to understand this phenomenon, in an attempt to elucidate issues such as: the functions that these activities have on child development; the reasons why the child should play; what play provides the child with regard to learning and so on. In order to discuss these and other issues, the act of playing - so important in the child's routine - is analyzed under the psychopedagogical bias, in order to try to establish an inventory of the collaborations that the psychomotor stimuli contained in the games provide for child development. and to what extent they should be valued or discarded in the educational context. It is concluded that the learning process directly influenced by the use of games, provides a greater child development in several aspects, from intellectual, affective, psychomotor and social. The research methodology is deductive, based on the bibliographical review of authors who deal with the theory of human development, educational action and psychomotricity. The first two topics are based on the studies of educational psychology by Wallon, Piaget and Vygotsky, and the last one on scientific articles related to the discipline of Physical Education.

Key Words: Games. Psychomotricity. Educational action. Child education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA.....	11
3. REFERENCIAL TEÓRICO	12
3.1. JOGOS E BRINCADEIRAS INFANTIS SEGUNDO AS TEORIAS DE DESENVOLVIMENTO DE VYGOTSKY, PIAGET E WALLON.....	12
3.2. O MOVIMENTO CORPORAL COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO	14
3.3. PSICOMOTRICIDADE: O APRENDIZADO ATRAVÉS DO MOVIMENTO.....	18
4. RESULTADOS DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	23
4.1. OS JOGOS E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO DA AÇÃO EDUCATIVA.....	23
4.2. AÇÃO EDUCATIVA COM FINALIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	25
4.3. OS DESAFIOS IMPOSTO PELA FALTA DE ESPAÇO PARA A BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
6. REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

O início da jornada acadêmica desta pesquisadora no Curso de Pedagogia oferecido por esta Universidade, na modalidade EAD, se deu em 2014 por incentivo da família, em especial minha irmã e minha filha, que são professoras. A atuação delas na educação infantil, me fizeram reviver décadas atrás, quando no ápice da juventude, soube, pela primeira vez, que seria mãe.

Imatura e inexperiente, educar uma criança naquele momento era um desafio imenso. Na tentativa de estabelecer uma comunicação mínima com a criança recém-nascida, utilizava vários recursos sonoros, visuais, olfativos na tentativa de compreender e ser compreendida. Considero a maternidade um mistério, mas também a primeira forma pedagógica de agir para ensinar.

Instintiva e irrefletidamente, percebi que determinadas brincadeiras eram mais proveitosas nesta primeira forma de contato que noutras situações. Ao longo do tempo, percebi também que um tipo de brincadeira, especial para uma criança podia não ser para outra e não apresentar os mesmos interesses, tendo em vista que tive duas outras filhas, nascidas posteriormente, cujo processo de formação era o mesmo.

Notei que do ponto de vista social, elas se relacionavam melhor com familiares e amigos que eram mais afetos a brincadeiras. E, quando apresentavam alguma dificuldade com as atividades escolares, minha irmã – tia e professora – buscava orientá-las através de pequenos jogos e gincanas que, segundo ela, potencializavam a capacidade de raciocínio. Assim, busquei proporcionar às minhas filhas ao longo da vida, a maior possibilidade de vivência com jogos e brincadeiras infantis, para que pudessem ter um bom desenvolvimento emocional e cognitivo. Queria que tivessem – e acredito que tiveram realmente – uma *boa infância*. A partir desta experiência, e com as informações e atividades realizadas neste curso de graduação, ocorreu a ideia do tema da presente pesquisa: a discussão sobre o *brincar* como elemento de aprendizagem.

Brincar, como elemento fundamental do desenvolvimento social na educação infantil, surge como uma poderosa ferramenta aliada aos processos de ensino-aprendizagem. As discussões sobre o tema não são recentes e também não é restrita aos pedagogos. Outras áreas de ensino também já se debruçaram sobre o tema, além da Medicina e da Psicologia. Logo, é importante compreender a relação

entre *criança e corpo*, entre *corpo e linguagem* e como estas relações se encaixam nas teorias sobre o desenvolvimento social e cognitivo infantil.

Discute-se a questão da brincadeira e do movimento como ferramentas de socialização, afetividade e imaginação da criança, no contexto da aprendizagem. Pesquisadores clássicos como Vygotsky, e também atuais como Barbosa, mostram a necessidade de se compreender esse fenômeno e seus benefícios para o desenvolvimento pleno da criança. No Brasil vive-se um momento histórico muito oportuno para a reflexão e a ação em relação às políticas públicas voltadas para as crianças.

Cada vez mais a educação e o cuidado na primeira infância são tratados como assuntos prioritários por parte dos governos Federal, Estadual e Municipal, bem como pelas organizações da sociedade civil, por um número crescente de profissionais da área pedagógica e de outras áreas do conhecimento, que vêem na Educação Infantil uma verdadeira *ponte* para a formação integral do cidadão. O artigo 227 da Constituição Federal de 1988 aponta que o direito da criança e do adolescente vai além da educação, envolvendo também reflexão e prioridades no intuito de proteger integralmente esses sujeitos.

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.” (BRASIL, *Constituição Federal*, 1988)

É importante reafirmar que a história da construção de uma Educação Infantil de qualidade no Brasil já percorreu muitos caminhos, já contou com muitos protagonistas, já alcançou resultados significativos e já identificou obstáculos a serem superados. A proposta dos *Referenciais Curriculares para a Educação Infantil* (BRASIL, 2001), serve como linha mestra no contexto da Educação Infantil, uma vez que, como forma de política pública, reconhece o atendimento mínimo às necessidades da criança, primando questões como: o direito da criança a usufruir a sua infância, enfatizando os benefícios da ação educativa e a função que as brincadeiras exercem sobre o desenvolvimento infantil.

Professoras e crianças têm que conviver com as limitações no desenvolvimento das práticas pedagógicas, no que se refere à efetivação das

brincadeiras no contexto de ensino. É notório que brincadeira possibilita à criança aprimorar seu senso de investigação e imaginação e construir seus conhecimentos.

Neste sentido, as observações dos pesquisadores enfatizam a importância da brincadeira e do movimento para o desenvolvimento social e psicomotor do indivíduo. Por isso, esta pesquisa se torna relevante no sentido de reforçar a importância em diagnosticar e enfrentar as dificuldades que a criança encontra no ambiente escolar, relativas às possibilidades de desenvolvimento psicomotor.

Percebe-se a relevância do tema, ao considerar que o ato de brincar, de movimentar-se proporciona à criança o aprimoramento do seu senso de investigação, descoberta e imaginação, colaborando para o desenvolvimento cognitivo. Parte-se do pressuposto que a educação é mediadora do indivíduo, nas relações sociais e, assim sendo, parte constituinte da identidade social do aluno. Neste pensamento, nos deteremos a fazer uma reflexão sobre o Ensino Infantil e a sua relação com a brincadeira.

A pesquisa divide-se em três grupos de discussões: o primeiro trata da importância da brincadeira no contexto da psicomotricidade, como forma de desenvolvimento sócio afetivo infantil. Neste grupo que se apresentam as principais teorias do desenvolvimento de Piaget, Wallon e Vygotsky. No segundo, a reflexão é sobre a ação educativa com finalidade para o desenvolvimento cognitivo. Neste contexto, cumpre frisar que a ação educativa deve ter em essência algo de motivador, que desperte na criança o interesse pelo aprendizado. E no terceiro momento é abordado o movimento corporal como forma de comunicação. Neste tópico, além das teorias sobre a *linguagem, corpo e movimento*, é examinado também quais os desafios ao desenvolvimento infantil que surgem no ambiente escolar, considerada a falta de espaço para brincadeiras.

De forma sucinta, pode-se dizer que a pesquisa tem por objetivo geral estabelecer uma relação entre os jogos e brincadeiras infantis com as etapas de desenvolvimento psíquico (social, motor, afetivo e cognitivo) e em que medida – ou qual o grau de adaptabilidade e importância – as brincadeiras devem ser incorporadas a ações educativas.

2. METODOLOGIA

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, contatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” (FREIRE, 1999, p. 32)

A metodologia é dedutiva, centrada na revisão bibliográfica sobre o tema. Por metodologia dedutiva considera-se a obtenção de uma argumentação conclusiva a partir do raciocínio lógico e comparativo de premissas que sustentem esta conclusão. Neste sentido, os conceitos principais da pesquisa são formados a partir da interpretação fornecida pelos autores consultados.

A problematização decorreu da leitura das obras consultadas, em especial de Piaget, Vygotsky e Wallon. Soma-se a isto os princípios normativos constantes no *Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil*, documento elaborado pelo Ministério da Educação e constantemente atualizado.

Por conseguinte, é importante destacar a relevância das discussões sobre o tema no processo de formação do professor. O processo ensino-aprendizagem, como a própria expressão parece indicar, é uma via de duplo sentido. O educando depende do professor que o ensine, assim como o professor precisa de um educando que aprenda.

Estabelecida esta relação primária, pode-se dizer que o professor também precisa aprender, na medida em que ele terá que desvendar novos mecanismos pedagógicos que propiciem um aprendizado pleno, e porque não, divertido. O ensino é uma atividade complexa que requer a gestão de várias relações. Neste contexto, é indispensável que o educador compreenda as particularidades de cada aluno, tais como seu modo de pensar e suas dificuldades.

Essa avaliação deve ser feita constantemente e utilizada para elaborar propostas que sejam efetivas no auxílio do aprendizado. Uma dessas propostas é o uso da brincadeira como linguagem e espaço de aprendizagem que abrange os níveis afetivos e cognitivos.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. JOGOS E BRINCADEIRAS INFANTIS SEGUNDO AS TEORIAS DE DESENVOLVIMENTO DE VYGOTSKY, PIAGET E WALLON

Em tempos mais remotos, quando se falava em brincadeiras, referia-se meramente a momentos de descontração ou a memórias remotas de adultos, quando pensavam em suas vidas na infância.

Isto porque a ideia vigente em outras épocas era da escola como primeiro lugar a se desenvolver, ainda que de modo indireto, comportamentos instrumentais para o trabalho – horário, rotina, uniformização, atividades de classe, etc. Muitos desses adultos já ouviram dos pais que “*escola é lugar de aprender e não de brincar*”.

Desse modo, jogos e escola eram temas paralelos, desligados entre si e incompatíveis, quando relacionados a processos pedagógicos. Todavia, a medicina e a psicanálise informam que o primeiro sistema de linguagem que a criança domina é a linguagem corporal. E a linguagem corporal é diretamente acionada pelo movimento, especialmente propiciado pelos jogos e brincadeiras de infância.

Assim, a relação entre brincadeiras e aprendizado ganhou relevância, tendo em vista as possibilidades de educar a partir de propostas pedagógicas lúdicas.

Estudos sobre o impacto das interações criança-criança e adulto-criança para a compreensão e constituição da linguagem na criança, e a importância do brincar e da brincadeira para a oralidade, interação verbal e atividade de leitura, se concentram numa perspectiva sócio-histórica, que afirma a natureza social e da linguagem simbólica, sendo a brincadeira “*uma linguagem infantil (...). Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha um domínio da linguagem simbólica.*” (BRASIL, 2002)

O reconhecimento do papel mediador da brincadeira da criança suscita uma série de estudos que indicam os jogos como o eixo principal da prática pedagógica na Educação Infantil.

Psicólogos voltados ao desenvolvimento infantil como Piaget, Vygotsky e Wallon destacaram, em seus estudos, a relevância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, como um sujeito social, respeitando seu direito a brincadeira, ao espaço, ao cuidado e as formas de expressão. “*Brincar é uma das*

atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia.” (BRASIL, 2002).

Para VYGOTSKY (1998), os jogos de infância tanto contribuem para o desenvolvimento da capacidade imaginativa, quanto criam realidades que podem ser observadas no cotidiano da criança. Para este autor, quando uma criança cria um jogo de papéis, no qual ela acrescenta outra identidade à dela – quando, brincando, a criança “veste” outra identidade, como a de um professor, por exemplo – ela incorpora elementos práticos e comportamentais que ela já conhece e reconhece como sendo específicos àquela identidade.

Neste sentido, para ele, a criança está criando um conjunto de significados que constituem a identidade, neste exemplo, de professor. Logo, há um aprendizado.

Para PIAGET (*apud* PELLEGRINE, 2007), os jogos infantis tem características e objetivos diferentes de acordo com a faixa etária: dos 18 meses aos 2 anos, os estímulos são majoritariamente corporais, cujo objetivo é tornar a criança consciente do ambiente físico e de suas possibilidades de interação com este ambiente. Em recém nascidos e bebês o que mais se observa é o uso das mãos para agarrar objetos, pessoas e a si mesmo. Esta condição leva a criança à construção dos primeiros hábitos e rotinas.

Entre os 2 e 4 anos, se inicia o que o autor chama de *fase simbólica*: os jogos são imaginativos, a criança recria rotinas mas a partir da perspectiva de outros personagens. Ele indica que este é um importante sinal de estruturação cognitiva, porque o entendimento do mecanismo simbólico é que permitirá, no futuro, o desenvolvimento da linguagem.

Por último, a fase do *jogo com regras*, observável em crianças a partir dos 5 anos. Neste momento, o jogo tem uma importância crucial porque é a primeira forma de socialização que a criança precisa compreender. O autor comenta que as duas primeiras fases são individuais, já que independem da relação com outras pessoas. Na última fase, o aprendizado é obrigatoriamente social, tendo em vista que *a criança será confrontada pelo convívio conforme regras*.

WALLON (2010) afirma que o jogo é um tipo de divertimento para crianças e adultos. Devido à flexibilidade, que é própria da brincadeira, o autor diz que para os adultos, o jogo é um instrumento de descontração, com o objetivo de aliviar as tensões decorrentes das adversidades e rigores do ambiente de trabalho. Sendo

assim, a criança é completamente livre no jogo, já que para ela, não há rotina da qual precise se aliviar.

Para Wallon, as regras são necessárias, porém, não são irredutíveis. Ou seja, há uma liberdade de interpretação das regras típicas dos jogos. Neste contexto, a possibilidade de *burlar as regras* ou de *reinterpretá-las* para que o jogo funcione acaba por despertar o que o autor chama de “*simulacros mentais*”¹, no qual a imaginação é primordialmente ativada e, portanto, livre do aprisionamento da regra pré-estabelecida, a criança tem uma energia maior voltada ao aprendizado que o jogo carrega.

3.2. O MOVIMENTO CORPORAL COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO

Desde épocas remotas que o homem se utiliza da linguagem corporal para se expressar acerca dos seus sentimentos, desejos e opiniões sobre alguma coisa, seja afirmando ou negando expressões ou provocações. É preciso perceber nos movimentos do corpo, a *corporeidade*.

Corporeidade é um conceito filosófico antigo, já observado na teoria de Santo Agostinho (NEVES, 2009). Numa ideia geral, corporeidade é a história que esses movimentos contam. O corpo, neste contexto, representa também a cultura de um povo. A título de exemplo, a dança é, obviamente, uma das formas mais expressivas de corporeidade.

“A corporeidade implica (...) a inserção de um corpo humano em um mundo significativo, a relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo (ou as „coisas“ que se elevam no horizonte de sua percepção). (...) Mas ele (o corpo), como corporeidade, como corpo vivenciado, não é o início nem o fim: ele é sempre o meio, no qual e por meio do qual o processo da vida se perpetua.” (FREITAS, 1999)²

O ser humano utiliza o movimento como sua primeira forma de comunicação com o mundo. Portanto, é através do movimento que expressa o instinto de sobrevivência demonstrando as necessidades fisiológicas – respiração, fluxo sanguíneo, batimentos cardíacos, sucção na amamentação. Estes movimentos

¹ WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*, 2010

² FREITAS, G.G. *O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade*. In.: NEVES, 2009.

estão relacionados à primeira fase, que segundo Wallon é denominada de “*impulsividade motora*” (WALLON, 2006).

Logo, o início da vida após o nascimento é um momento de reconhecimento das necessidades primárias. Estas necessidades aparecem na forma de incômodo, já que uma vez nascido, o bebê não tem mais acesso ao ventre materno, que até então, era provedor de todas essas necessidades.

As sensações incômodas acontecem involuntariamente, considerado que o bebê não tem pleno conhecimento e controle sobre o corpo. Daí, *impulsividade*. Diz o autor em comentário:

“Este desconforto provocará descargas motoras que são movimentos reflexos, impulsivos, descontínuos, não intencionais, que não tem nenhuma outra utilidade a não ser a de obter a diminuição desse estado de tensão, sejam estes de origem orgânica, ou suscitados por excitações exteriores. É a manifestação de uma impulsividade motora pura.” (WALLON, 2006).

Assim, como forma de expressão do ser humano abastecida de conteúdo, o trabalho com as expressões corporais na educação infantil sempre estará ligado ao lúdico, porque atividades que envolvem *o corpo e a gestualidade podem ser utilizados na qualidade de linguagem*³, e tal como ocorre com a linguagem verbal, os significados e sentidos devem ser construídos de forma gradativa.

Falar da importância da linguagem corporal ou, melhor dizendo, dos *movimentos do corpo no processo de ensino aprendizagem*, é entender e respeitar a necessidade da criança de brincar e movimentar o corpo, conduzindo-a a um processo natural de aprendizagem e socialização.

Isto é, possibilitar e criar espaços adequados para que a criança se movimente e se desenvolva adequadamente no espaço da escola implica em *educar* e *socializar*. Educar não se restringe apenas à função formal de transmissão do conhecimento cognitivo; é também permitir que a criança desenvolva suas capacidades relacionais, físicas e psíquicas.

Logo, *cuidar, educar e brincar*, na Educação Infantil, são termos intimamente relacionados. Este tripé é importante na Educação infantil, pois são ferramentas que eficientemente auxiliam o processo de desenvolvimento pleno da criança, pois os momentos lúdicos, normalmente, são mais proveitosos e significativos.

³ NOVAES et al, 2014. *El movimiento como expresión corporal en la Educación Inicial*.

Cuidar é um conceito bem amplo. É dar atenção a alguma coisa ou a alguém. É buscar satisfazer alguma necessidade, tratar alguma doença, explicar alguma dúvida. No contexto pedagógico, cuidar é um ato intersubjetivo. O educador deve estar atento às necessidades de seus educandos.

O ato de *Educar*, por sua vez, ainda mantém forte relação com as instituições escolares. Todavia, seu sentido é amplo, não devendo ser considerado mero ato de “*transferência de conhecimento*”. É necessário que o professor, responsável por ensinar, estimule as crianças a sentirem *vontade* de aprender, despertando o interesse para o desenvolvimento cognitivo.

Brincar é, portanto, a integração entre o ato de cuidar e de educar. No desenvolvimento de uma atividade lúdica, a criança é inserida e estimulada a compreender novos contextos de sociabilidade e de aprendizado.

“Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.” (BRASIL, RCNEI, 1998, p. 23)

As faculdades cognitivas das crianças começam aparecer logo nos primeiros meses de vida, muito embora não exista capacidade analítica suficiente para processos complexos como os da linguagem escrita ou falada. Neste contexto, a corporeidade no desenvolvimento infantil prevalece, sendo a principal manifestação, a linguagem gestual.

Não há um consenso entre os estudiosos acerca de como as crianças aprendem a linguagem escrita ou falada. Para os fonoaudiólogos, as dificuldades da linguagem falada se devem a fatores físicos como dores de ouvido, complicações respiratórias, dificuldades neurológicas que afetam diretamente funções cognitivas ou de memória.⁴

Para os psicanalistas, linguagem e pensamento são inseparáveis. Assim, no processo de aquisição da linguagem faz parte do processo de desenvolvimento

⁴ MOUSINHO *et all.* *Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades podem surgir neste percurso.*

cognitivo das crianças. Os seres humanos expressam pensamento mediante uma das formas da linguagem que podem ser escrita ou oral. A linguagem oral ainda pode ser dividida em verbal, não verbal ou mista. A capacidade de utilizarmos a linguagem para nos comunicarmos é uma característica que nos diferencia dos outros animais.

GARCIA (s/a)⁵ comenta que a relação entre linguagem e pensamento é fundamental para o desenvolvimento individual, tendo em vista que um fato, contexto ou vivência é apenas armazenado na memória a partir da perspectiva de uma linguagem que lhe atribua significado, as quais desenvolvem através da experiência e contatos com o mundo um movimento consciente sociocultural, entre tantas outras manifestações que vão adquirindo de acordo com a faixa etária e da cultura na qual estão inseridos. Passando o indivíduo do momento impulsivo motor para o momento emocional.

Segundo WALLON (2006):

“As transformações das descargas motoras em meio de expressão e comunicação caracterizam o estágio emocional. A impulsividade se traduz em sinais que estabelecem entre a criança e o adulto um círculo de trocas que acabam por condicionar e construir reciprocamente as reações do bebê e seu meio e vice-versa. A intensidade dessas trocas cria um verdadeiro campo emocional, no qual gestos, atitudes, vocalizações e mímicas adquirem nuances cada vez mais diversificadas de dor, tristezas, alegrias, cóleras. As manifestações expressivas da criança compreendidas e atendidas pelo adulto passam a ser graduadas de tal maneira que todas as variedades essenciais da emoção podem ser discriminadas. É a linguagem primitiva de emotividade pura. É a primeira forma de sociabilidade.”

Assim, o diálogo corporal direto, livra-se da limitação de uma interpretação sensório motora, avançando para a conscientização através da experimentação, tornando uma ação de movimento que envolve sensações, sentimentos, pensamentos e reflexões. Cada criança possui inúmeras maneiras de pensar, de jogar, de brincar, de falar, de escutar e de se movimentar.

“Por meio destas diferentes linguagens é que se expressam no seu cotidiano, no seu convívio familiar e social, construindo sua cultura e identidade infantil. A criança se expressa com seu corpo, através do movimento. O corpo possibilita a criança apreender e explorar o mundo, estabelecendo relações com os outros e com o meio.”
(BASEI, 2008)

⁵ GARCIA, A. S. O desenvolvimento da linguagem.

É por intermédio do corpo que viabilizamos nossa capacidade interacional, é através dele que nos relacionamos com os outros e com todo o universo informacional existente, absorvendo e ressignificando o conhecimento vivenciado.

É, portanto, o corpo, que nos permite, a partir das experiências concretas, a entrada no universo simbólico e o desenvolvimento da capacidade de abstração, recursos imprescindíveis a real efetivação da aprendizagem, objetivo primeiro de toda e qualquer etapa educacional, em especial aquela à qual denominamos por Educação Infantil.

Muitas vezes, as crianças expressam suas emoções utilizando a linguagem corporal. Por medo, ou inibição, elas não conseguem externar o que querem dizer, o que obriga pais, tutores, professores, e qualquer outra pessoa responsável por elas a observarem estes sinais corporais com maior atenção.

A criança utiliza seu corpo e o movimento como forma para interagir com outras crianças e com o meio, produzindo culturas. Essas culturas estão embasadas em valores como a ludicidade, a criatividade e nas suas experiências de movimento.

No entanto, é na brincadeira que está inserida diferentes modalidades tais como: o movimento, a motricidade, ludicidade, o respeito às regras de convivência etc., entende-se que a brincadeira é de suma importância para o desenvolvimento, intelectual, afetivo, psicomotor e cognitivo da criança.

3.3. PSICOMOTRICIDADE: O APRENDIZADO ATRAVÉS DO MOVIMENTO

Apesar de sutis diferenças entre os autores, os três consideram que os jogos infantis são ferramentas poderosas de aprendizado e socialização durante o período de formação da personalidade da criança. Logo, não é impossível considerar o jogo, a brincadeira como ferramentas que possam servir como estratégias pedagógicas no processo ensino-aprendizagem.

A introdução da brincadeira na Educação Infantil proporciona à criança a possibilidade de experimentar e descobrir seu corpo, pois a criança tem no corpo o seu primeiro brinquedo, ou seja, o seu objeto inicial de conhecimento sobre si e sobre o mundo; a prática pedagógica passa a olhar a criança, buscando vivenciar ludicamente suas emoções e desenvolver sua psicomotricidade de maneira equilibrada.

O conceito de psicomotricidade tem origem na medicina da segunda metade do século XIX. O termo foi originalmente concebido como assunto ligado à *neurologia*, já que o desenvolvimento motor é, a rigor, realizado a partir de conexões neurais. Todavia, nos estudos sobre o cérebro se percebeu que determinadas deficiências motoras não estavam diretamente relacionadas a traumas cerebrais.

Logo, as escolas psiquiátricas e neurológicas se dividem quanto ao estudo do fenômeno. Especialmente na França, Wallon, em 1925, propôs que o desenvolvimento motor está diretamente relacionado ao desenvolvimento psíquico. Esta perspectiva conferiu ao termo *psicomotricidade* uma natureza científica, na medida em que o assunto não podia ser considerado apenas no plano neurológico, já que a neurologia não era capaz de descrever todos os eventos psicomotores.

Desse modo, o conceito de psicomotricidade foi construído em dupla perspectiva: a primeira enquanto neurociência que estuda o movimento autônomo, sendo uma ciência multidisciplinar entre a neurologia, psiquiatria e psicologia (ISPE-GAE, 2007); a segunda enquanto fenômeno; como sendo “*um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização*” (SBP, 2003)⁶.

De acordo com o *Referencial Curricular para a Educação Infantil* (BRASIL, 2002), brincar é o momento precioso na construção pessoal e social. Esse ato é permeado pelo eixo de trabalho com o movimento, no qual a criança movimenta-se construindo sua moralidade e afetividade perante as situações desafiadoras e significativas presentes no brincar.

Sendo brincar ato específico e característico da infância, há inúmeras vantagens para a constituição da criança e uma série de experiências que irão contribuir para o seu desenvolvimento.

O documento supracitado estabelece a brincadeira como um de seus princípios norteadores, que a define como um direito da criança para desenvolver seu pensamento e capacidade de expressão, além de situá-la em sua cultura.

⁶ LUSSAC, R.M.P. *Psicomotricidade: história, desenvolvimento, conceitos, definições e intervenção profissional*, 2008.

As atividades de brincadeira na educação infantil são praticadas há muitos anos, entretanto, torna-se imprescindível que o professor faça uma distinção entre o que é brincadeira livre e o que é atividade pedagógica que envolve brincadeira.

Se quiser fazer brincadeiras com a turma, deve considerar que o mais importante é o interesse da criança por ela. Se seu objetivo for a aprendizagem de conceitos, habilidades motoras, pode-se trabalhar com atividades lúdicas, compreendendo que não estará apenas promovendo a brincadeira, mas, desenvolvendo atividades pedagógicas de natureza lúdica.

Entende-se que a brincadeira se constitui de atividade que envolve uma situação imaginária e que é orientada por regras. No mundo do faz de contas, as crianças aprendem a obedecer às regras e a ter noções de limites estabelecidos. É na interação, do real com o imaginário que as crianças constroem seus conhecimentos e desenvolvem a afetividade, e os valores de cidadania.

“Não existe brinquedo sem regras. A situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento, embora possa não ser um jogo com regras formais estabelecidas a priori. A criança imagina-se como a mãe e a boneca como criança e, dessa forma, deve obedecer às regras do comportamento maternal. (...). Se a criança está representando o papel de mãe, então ela obedece às regras de comportamento maternal. O papel que a criança representa é a relação dela com um objeto.” (MARTINS FONTES, 1998)

É *na brincadeira* que são construídos os conceitos e a assimilação dos conhecimentos adquiridos através do contato do ser com o objeto. As brincadeiras que povoam o universo infantil são as maneiras pelas quais as crianças expressam-se no mundo.

Elas desenvolvem sua capacidade de imaginação, pensar e elaborar os sentidos para as coisas ao seu redor. São nelas que as crianças representam papéis, criam personagens, exploram brinquedos, enfim encontram sentido para a sua vida. É através da brincadeira que a criança aprende a pensar, construindo sentidos para as coisas e para as relações humanas. É imitando a vida dos adultos que a criança adquire conhecimento.

Nesse sentido, a brincadeira torna-se uma forma da criança satisfazer suas necessidades. O brincar favorece o movimento, a assimilação de espaço, o domínio e o reconhecimento da lateralidade, o equilíbrio corporal, e a aquisição de

conhecimentos. É, pois, na brincadeira que a criança aprende a se relacionar com o meio social no qual está inserido.

Torna-se um meio de comunicação e assimilação da linguagem, contribuindo ricamente para o desenvolvimento psicomotor, ajudando a corrigir assim muitos problemas relacionados à motricidade do indivíduo. Tornam-se consistente as relações existentes entre o gesto e a afetividade, que vem ao encontro do desenvolvimento geral da criança. Previne e prepara para os estudos nos anos iniciais.

“A psicomotricidade está ligada às implicações psicológicas do movimento e da atividade corporal na relação entre o organismo e o meio em que ele se desenvolve. O mundo da psicomotricidade é, então, o das relações psiquismo-movimento e movimento-psiquismo. (...) A psicomotricidade é, ao mesmo tempo, fonte de conhecimento e de expressão dos conhecimentos que já se tem, maneira de gerar vivências e emoções por meio da relação e expressão de vivência e emoções na relação. A psicomotricidade é um nó que prende psiquismo e movimento até confundi-los entre si em uma relação de implicações e de expressões mútuas.” (COLL, 2004)

Assim, a psicomotricidade está intimamente ligada aos conceitos psicológicos da aprendizagem e do desenvolvimento humano. A intervenção apropriada do educador pode vir a prevenir dificuldades de comportamento e contribuir com o processo ensino-aprendizagem.

Ao vivenciar as diferentes situações lúdicas, a criança se posiciona em relação ao outro, ao objeto e ao mundo que o rodeia, enriquecendo-se gradativamente nessa vivência. Interagindo com o mundo que a cerca, a criança desenvolve habilidades e forma conceitos.

Quanto mais desafiadora for essa experiência, mais rápido será o desenvolvimento da criança. Uma vez habituada a enfrentar desafios e buscar soluções para seus problemas, estará preparada para adquirir novos conhecimentos no Ensino Fundamental.

Brincando com o corpo a criança vai descobrindo-se através de movimentos, tais como, o pegar no pé, colocar a mão na boca, sugar o leite materno. Esses são uns dos primeiros movimentos que os bebês fazem, e é nesses inocentes e inconscientes movimentos que os seres humanos vão desenvolvendo a questão da motricidade e da afetividade, da sensação do toque e da emoção recebida através da interação com os outros e consigo mesmo.

A partir de Wallon, conforme já se considerou acima, o desenvolvimento psicomotor é crucial para o pleno desenvolvimento da criança em diversos aspectos. A má formação motora acarreta, segundo a maioria dos pesquisadores, sérios problemas futuros no desenvolvimento cognitivo e social da criança.

“A psicomotricidade está presente em todas as atividades que desenvolvem a motricidade das crianças, contribuindo para o conhecimento e o domínio de seu próprio corpo. Ela além de constitui-se como um fator indispensável ao desenvolvimento global e uniforme da criança, como também se constitui como a base fundamental para o processo de aprendizagem dos indivíduos. O desenvolvimento psicomotor evolui do geral para o específico. No decorrer do processo de aprendizagem, os elementos básicos da psicomotricidade (esquema corporal, estruturação espacial, lateralidade, orientação temporal e pré-escrita) são utilizados com frequência, sendo importantes para que a criança associe noções de tempo e espaço, conceitos, ideias, enfim adquira conhecimentos. Um problema em um destes elementos poderá prejudicar a aprendizagem, criando algumas barreiras. A criança em que apresenta o desenvolvimento psicomotor mal constituído poderá apresentar problemas na escrita, na leitura, na direção gráfica, na distinção de letras, na ordenação de sílabas, no pensamento abstrato e lógico, na análise gramatical, entre outras(…)” (ROSSI 2012)

Portanto, o professor de Educação Infantil deve ser um profundo conhecedor da pedagogia psicomotora, buscando atualização constante e estar ciente da sua responsabilidade. Um professor atualizado é aquele capaz de aceitar e valorizar as mudanças, que não se prende a teorias como se fossem verdades únicas, mas está sempre as questionando.

Objetivando conhecer o fazer pedagógico de uma instituição de Educação infantil, faz-se necessário uma observação em sala de aula para respondermos a uma série de perguntas, por exemplo: como está sendo aplicada a brincadeira na sala de aula? A psicomotricidade está sendo trabalhada de forma orientada pelo professor/professora? Há interação entre aluno/professor, aluno/aluno nas brincadeiras aplicadas? Há um trabalho didático utilizando a brincadeira? Como se desenvolveram as competências após as brincadeiras?

Não é a proposta de presente pesquisa responder todas elas, o que exigiria, certamente, um estudo de campo. Com efeito, é com base na pesquisa sobre psicomotricidade, movimento, corpo e desenvolvimento é que se torna possível investigar as possíveis respostas.

4. RESULTADOS DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

4.1. OS JOGOS E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO DA AÇÃO EDUCATIVA

A aprendizagem no sentido mais amplo é vista como ação educativa que tem como finalidade ajudar no desenvolvimento do indivíduo tornando-os capazes de estabelecer uma relação pessoal com o meio em que vivem (físico e humano) e com os outros seres.

Sendo assim, a aprendizagem está intimamente ligada à História do Homem ao longo dos tempos, ajudando-o na sua construção enquanto ser social com capacidade de adaptação a novas situações que a vida possa proporcionar.

Atualmente a aprendizagem é vista como um processo dinâmico e ativo, em que os indivíduos não são simples receptores passivos, mas sim, produtores ativos do conhecimento, ou seja, cada indivíduo é capaz de aprender ao mesmo tempo em que produz conhecimento.

Assim, todo indivíduo de acordo com sua capacidade, levando em consideração as suas características e seus níveis de conhecimento prévios, desenvolve aprendizagem significativa.

“O processo que permite a construção de aprendizagens significativas pelas crianças requer uma intensa atividade interna por parte delas. Nessa atividade, as crianças podem estabelecer relações entre novos conteúdos e os (conhecimentos que já possuem), usando para isso os recursos de que já dispõem. (...). É, portanto, função do professor considerar, como ponto de partida para a sua ação educativa, os conhecimentos que as crianças possuem, advindos das mais variadas experiências sociais, afetivas e cognitivas a que estão expostas.” (BRASIL, RCNEI, 2002)

No processo de aprendizagem, o aluno não constrói sozinho o conhecimento, essa construção é feita continuamente na interação com os outros. Assim, para que haja um aprendizado satisfatório o professor deverá ir à busca de estratégias capazes de surtir efeito nas metas traçadas por ele em relação ao aprendizado do aluno, sempre buscando novos conhecimentos. Que interage que incentiva o estudante a buscar as informações.

A partir de perspectiva interacionista, tendo como representantes principais os estudos da epistemologia genética de Jean Piaget, as contribuições sociointeracionista de Vygotsky, em que está também comprometido com a construção da autoestima de seu aluno, e com o desenvolvimento social e afetivo, buscando compreender melhor o mundo infantil e a criança nessa fase da vida.

A educação infantil precisa garantir uma ação educativa considerando as especificidades de cada criança, respeitando a faixa etária, pois é nos primeiros anos de vida que se instala, de forma marcante, a relação da criança com o conhecimento.

Nesse sentido, a Educação Infantil deve apropriar-se do conjunto de informações próprias da cultura de cada indivíduo, ampliando seus conhecimentos e experiências para que permita a construção progressiva da autonomia e da autoestima das crianças:

“As práticas educativas devem levar em consideração os vários aspectos humanos quando o objetivo é auxiliar aos alunos interpretar e compreender o mundo que os circunda e a si mesmos. Conexões e relações entre sentimentos, ideias, gestos e ações. (...) A aprendizagem somente será significativa se houver a elaboração de sentido e se essa atividade acontecer em um contexto histórico e cultural, pois é na vida social que os sujeitos adquirem marco de referência para interpretar as experiências e aprender a negociar os significados de modo congruente com as demandas da cultura.”
(BARBOSA, 2002)

Assim, o educador da Educação Infantil precisa contribuir para desenvolver na criança sua capacidade de aprender a aprender, de pensar, conviver num ambiente social e cultural, fazendo-a sentir-se segura e acolhida no ambiente escolar, utilizando este novo espaço para ampliar suas relações sociais e afetivas, socializar-se, a fim de construir sua autonomia, respeitar a diversidade, interagir com o meio de maneira independente, alerta e curiosa.

Estabelecer relações e questionamentos de acordo com os conhecimentos prévios de que dispõe e assim, apropriar-se dos mais diferentes tipos de saberes, de acordo com as suas necessidades, utilizando-as para expressar o seu pensamento, suas emoções, podendo assim, compreender e comunicar-se com os outros.

O educador precisa ter em mente suas metas, a fim de avaliar as atividades que ele planeja e as suas próprias atitudes, observando se elas atendem o desenvolvimento dessas crianças de acordo com suas faixas etárias.

Portanto, se faz necessário que o professor avalie o desenvolvimento do grupo no qual atua, compreendendo que cada uma das crianças tem sua história de vida, ritmos de desenvolvimento próprios, assim de acordo com as avaliações prévias do professor, ele vai adequando seu planejamento de maneira que esse se enquadre as necessidades básicas de cada criança, estimulando a aprendizagem através dos jogos e brincadeiras como forma de comunicação através dos movimentos corporais.

Pois a primeira necessidade do ser humano é a de se comunicar, a criança também se manifesta através dos gestos das brincadeiras, juntando tudo isso ela se expressa e se comunica com o outro; a criança se solta e se sente mais feliz dando aberturas para novas oportunidades deixando entrar situações ou vencendo barreiras e superando limites.

Assim, o educador consegue se aproximar do seu objetivo no processo de ensino-aprendizagem por um caminho gostoso que se faz necessário.

4.2. AÇÃO EDUCATIVA COM FINALIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Na Educação Infantil, a inserção do brincar nas práticas educacionais vem sendo prevista pelos *Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*.

No entanto, há um longo caminho a ser percorrido no sentido de internalizar os conceitos apresentados com relação ao brincar, para, efetivamente, poderem ser não somente transmitidos, mas também assumidos pelos professores na sua prática junto às crianças. Este é um momento extremamente importante, de transição e mudança de paradigmas e patamares para que o brincar se torne uma prática consciente.

Em algumas instituições, o brincar é, muitas vezes, desvalorizado em relação a outras atividades, consideradas mais produtivas. A brincadeira acaba ocupando o tempo da espera, do intervalo. No entanto, valorizar a brincadeira não é apenas permiti-la, é suscitá-la, criar possibilidades, mecanismos, para que as crianças brinquem por prazer e, ao mesmo tempo construam situações de aprendizagem.

Ao observarmos atentamente o modo como as diferentes crianças brincam, é possível perceber que os usos que fazem dos brinquedos e a forma de organizá-los

estão relacionados com seus contextos de vida e expressam visões de mundo particulares.

Entende-se que são as formas de organização da sociedade e as condições de existência e de inserção da criança em cada contexto social, econômico, político e cultural que vão delineando as diferentes concepções e maneiras de brincar.

Precisamos criar ou recriar caminhos e novas possibilidades para que o brincar tenha seu verdadeiro *status* dentro da instituição de Educação Infantil, na consciência de cada educador e, principalmente, dos gestores públicos, visando, assim, o bem-estar de toda uma geração.

É necessário que, todos, engajados em um só pensamento, procurem soluções precisas para que as nossas crianças sejam bem atendidas, cuidadas e respeitadas. Determinar as condições de sua existência, fazendo valer os direitos adquiridos por lei.

As condições impostas às crianças, em diferentes lugares, classes sociais e momentos históricos, revelam que não é possível viver uma infância idealizada, pretendida e legitimada. Para se desenvolver plenamente e participar ativamente do mundo em que vive, a criança precisa brincar. Assim, defendemos a criança dizendo: Devemos respeitar as prioridades da infância, pois é nessa fase que se constrói os grandes homens e mulheres com capacidade para grandes realizações.

No ato do brincar o indivíduo tem também uma variedade de necessidades satisfeitas, dentre elas podemos citar a aquisição de novos conhecimentos coerentes e lógicos. Neste prisma, é importante se oferecer um espaço povoado de objetos variados e a criança deve escolher o espaço que deseja brincar e com quem deseja brincar, para que, dessa forma, se constitua como ser sociável. A brincadeira

“(...) é uma atividade enriquecedora visto, que as trocas de saberes que ocorrerão naturalmente através das diversas linguagens sejam elas: oral, corporal, gestual, musical retratam a realidade de cada um. A criança que vive em um ambiente construído para ela participa de vivências e emoções que a farão expressar sua maneira de pensar, bem como a maneira como vivem a sua relação com o mundo.” (HANK, 2006)

Na educação, de modo geral, e principalmente na Educação Infantil, o brincar é visto como atividade dominante na infância, que permite por meio do lúdico, vivenciar a aprendizagem como processo social. Dessa forma, o brincar define-se como uma das maneiras em que a criança encontra de representar suas

experiências, interpretar o mundo, a cultura e suas relações.

Portanto, as crianças precisam aprender com os outros por meio dos vínculos que estabelecem. Se as aprendizagens acontecem na interação com as outras pessoas, sejam elas adultos ou crianças, elas também dependem dos recursos de cada criança. Dentre os recursos que as crianças utilizam, destacam-se a imitação, o faz de conta, a oposição, a linguagem e a apropriação da imagem corporal.

O simbolismo manifesta-se quando a criança faz de conta que dorme, que se lava, que penteia seu cabelo, que muda de roupa, ou seja, só entra em ação um esquema atribuído à conduta do próprio sujeito. Ou seja, não cabe apenas ao desenvolvimento de um indivíduo, mas às relações dentro de um grupo.

Por isso, destaca-se a importância do professor como mediador e responsável por ampliar o repertório cultural das crianças, sendo consciente de que elas se comunicam pelo brincar.

Os educadores podem ampliar o currículo escolar da aprendizagem por meio de jogos e brincadeiras, já que se deparam atualmente com o desafio de integrar as normas acadêmicas obrigatórias dentro de uma pedagogia baseada em jogos e brincadeiras.

Embora alguns pesquisadores e educadores endossem o ponto de vista de que as brincadeiras deveriam continuar a ser uma iniciativa dirigida pelas crianças, há educadores que relataram uma preocupação sobre alcançar os padrões acadêmicos sem ser capaz de transmitir alguma direção durante os períodos de brincadeira. Considerando as evidências, recomenda-se uma abordagem integrada à aprendizagem por meio de jogos e brincadeiras, visando tanto os benefícios evolutivos como os acadêmicos.

A aprendizagem por meio de jogos e brincadeiras impacta o desenvolvimento das habilidades sociais e cognitivas das crianças, assim como suas capacidades acadêmicas. Há um número crescente de evidências que mostram como a brincadeira livre e a brincadeira dirigida contribuem diferentemente para esses resultados no desenvolvimento. A brincadeira livre parece ser especialmente benéfica para o desenvolvimento da competência social e da autorregulação.

A avaliação de contextos do aprendizado na primeira infância com práticas associadas de sala de aula por meio de jogos e brincadeiras exige mais estudos tanto na teoria, como na prática da avaliação. As avaliações na educação da primeira infância têm focado historicamente em construir testes padronizados para

medir a prontidão evolutiva e apenas recentemente têm fornecido uma base conceitual inicial de compreensão das práticas de avaliação das salas de aula do jardim de infância, incluindo avaliação nos ambientes pedagógicos baseados em jogos e brincadeiras.

Por conseguinte, a análise crítica e fundamenta que integra esta pesquisa deverá ser um elemento de base para futuras pesquisas que se relacionem com o tema proposto, pois visa, a partir dessa conjectura, propor um debate contínuo acerca da temática com o objetivo de fomentar uma reavaliação do sistema educacional vigente acerca de suas concepções formadoras do desenvolvimento na educação infantil.

Essa postura de reavaliar a educação em busca de melhorias e resultados mais efetivos serve como base para muitas pesquisas que tratam das relações interpessoais na escola.

Portanto, a partir dos conceitos apresentados eu gostaria de pesquisar futuramente sobre a relação entre a linguagem afetiva familiar na primeira infância e sua relação com o desenvolvimento infantil, já que cada vez mais autores tem relatado que a relação entre pais e filhos é um importante fator no desenvolvimento da linguagem e do ensino infantil.

4.3. OS DESAFIOS IMPOSTO PELA FALTA DE ESPAÇO PARA A BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sabemos que, apesar da educação infantil fazer parte da educação básica, no entanto, muitas instituições destinadas a esta etapa da educação não estão adaptadas as peculiaridades da educação infantil não possuem espaço para o desenvolvimento de brincadeiras dificultando assim o pleno desenvolvimento das crianças.

“O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, é preciso que o espaço seja versátil e permeável à sua ação, sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores em função das ações desenvolvidas. Deve-se pensado e rearranjado, considerando às diferentes necessidades de cada faixa etária, assim como os diferentes projetos e atividades que estão sendo desenvolvidos (BRASIL, RCNEI, 1998)

HANK (2006) comenta que o espaço para brincadeiras e jogos infantis precisa ser pensado, construído e organizado de modo desafiador para a criança. *Brinquedotecas*, labirintos ou até mesmo atividades gamificadas devem ser realizadas num ambiente capaz de promover o desenvolvimento da criança de modo completo: cognitivo, social e motor.

Para a autora, e também na visão de outros pesquisadores sobre o tema – BASEI, LUSSAC, NOVAIS *et alli* – o espaço físico é essencialmente importante para que a criança se *movimente livremente*. Neste contexto, a criança precisa aprender a dominar o corpo e seus sentidos. Hank diz que o ambiente serve para estimular os sentidos da criança.

O espaço para brincadeiras ganhou, portanto, uma nova interpretação no ambiente escolar. A ideia de *espaço para recreação*, em especial considerada pelas tendências pedagógicas tradicionais e tecnicistas – bastante observadas no Brasil até hoje – é limitada, porque não leva em conta que brincar pode ser um ato com conteúdo educativo.

Assim, é crucial que as instituições de Ensino Infantil, a partir de uma visão pedagógica – e não meramente recreativa – das brincadeiras e jogos infantis, busquem adequar seus espaços às necessidades pedagógicas e para o desenvolvimento das atividades lúdicas.

No limite, o espaço de brincadeiras deve permitir que os jogos e brincadeiras infantis sejam possibilidades de desenvolvimento motor, social e cognitivo, na medida em que as crianças se movimentem, se relacionem entre si e desenvolvam atividades desafiadoras, individualmente, em grupo, colaborativamente ou em competições.

A disposição do material pedagógico – brinquedos e jogos – deve ser segura e garantia da liberdade de movimento e de escolha das crianças.

“A brinquedoteca é um espaço colorido, rico em informações, que provoca a curiosidade e dá vida a imaginação, e esse espaço lúdico, além de permitir diversão para as crianças (...) propicia desenvolvimento e aprendizagem em áreas essenciais, tais como: psicológico, intelectual, afetivo, comportamental, etc.” (MACHADO et alli, 2017)

“Brincar em um ambiente aconchegante, que retrate a identidade da criança e de livre acesso ao mesmo, é fundamental no seu desenvolvimento, visto que se estará promovendo a interação entre criança /criança, criança /educador e até mesmo respeitando os

momentos em que a criança prefere brincar sozinha, pois só assim se respeitará a individualidade da criança.” (HANK, 2006)

“Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelece, se as aprendizagens acontecem na interação com as outras pessoas, sejam elas adultas ou crianças, elas também precisam dos recursos de cada criança, dentre os recursos que as crianças utilizam, destacam-se a imitação, o faz-de-conta, a oposição, a linguagem e a apropriação corporal”. (BRASIL, RCNEI, vol. 2, 2002)

Nos termos da própria RCNEI consta que, para um bom desempenho educacional é preciso que a estruturação dos espaços na instituição considere um ambiente propício e adequado para a prática de atividades lúdicas, respeitando os limites das crianças. Isto não significa dizer que a melhoria da ação educativa seja relacionada exclusivamente ao espaço, mas o espaço, sem dúvida, é um poderoso auxiliar do processo de ensino-aprendizagem.

Outra questão relativa ao espaço e materiais pedagógicos é a diversidade de brinquedos, jogos e desafios. HANK (2006) diz que um espaço eficiente, além de colorido e confortável, oferece uma ampla quantidade de brinquedos, jogos de tabuleiro, puzzles (quebra-cabeças). Todos os materiais devem permitir a aquisição ou reforço de alguma competência cognitiva, social ou motora.

Sendo assim, a brincadeira é uma atividade de intensa troca de aprendizados em diversas linguagens diferentes. Quando duas crianças montam juntas um quebra cabeças ou várias brincam de “pega-pega”, elas desenvolvem habilidades intelectuais, motoras e sociais.

Acrescenta-se a este contexto os *jogos eletrônicos*. Tais jogos ganharam destaque nas pesquisas educacionais, em especial na última década. A perspectiva corrente aponta que tais jogos, criados e manipulados no ambiente virtual da internet, são poderosas ferramentas educacionais, em especial no desenvolvimento de capacidades cognitivas técnicas, relacionados à lógica e à matemática.

MATOS (2015) diz que os jogos eletrônicos se tornaram ferramentas pedagógicas na medida em que a tecnologia se tornou também instrumento pedagógico dentro da sala de aula. Para a pesquisadora, além de ser um recurso atual, são eficientes, já que são em essência instrumentos lúdicos de forte interação e desenvolvimento cognitivo.

COTONHOTO e ROSSETTI (2016) afirmam que a consideração dos jogos eletrônicos como ferramentas pedagógicas se dá em função da pouca investigação científica sobre a relação entre jogos eletrônicos.

De qualquer modo, consideram que além da investigação científica, é necessário que novas práticas pedagógicas estejam alinhadas às ferramentas eletrônicas, porque, se de um lado potencializam o desenvolvimento cognitivo e técnico, de outro, enfraquecem as habilidades de relacionamento social das crianças.

Na perspectiva do espaço, as ferramentas digitais geralmente são *portáteis*, o que praticamente esvazia a necessidade de um espaço específico. Todavia, parece relevante considerar que o espaço para os jogos eletrônicos deve ser mantido para que a motivação lúdica da criança seja amplificada, tal como nas brincadeiras e jogos não eletrônicos.

Assim, para que a brincadeira se torne uma atividade educativa, não basta estar simplesmente inserida no contexto escolar, de forma recreativa. Esta forma de brincadeira promove a sociabilidade e a psicomotricidade, porém, sem muita preocupação com o desenvolvimento cognitivo.

A *brincadeira enriquecedora*, como considera HANK (2006), deve ter um ou alguns objetivos específicos a serem atingidos, relacionados às competências curriculares.

Da mesma maneira, os jogos e brincadeiras não devem ser desenvolvidos em qualquer espaço, vistas às questões relativas à liberdade e segurança dos educandos. Além de um espaço colorido e com variedade de materiais, a brinquedoteca, sala de jogos, quadra de esportes ou qualquer outro espaço destinado ao desenvolvimento de atividades lúdicas deve ser rigorosamente pensado e construído, para permitir a variedade de material lúdico e a liberdade de escolhas e de movimentos da criança.

Por fim, o espaço físico adequado para atividades lúdicas também permite que a criança interaja de forma autônoma, na medida em que se torna ativa no processo de aprendizagem através da tomada de decisões. Por isso é importante que o espaço permita a movimentação livre, que leva a escolhas livres sobre as formas de brincar que a criança procura.

Segundo BARBOSA (2008), é importante que o espaço de brincadeiras seja também um ambiente de construção de identidade e autonomia da criança:

“Isso não se faz sem a parceria de um espaço que seja cúmplice na construção da autonomia moral e intelectual por parte das crianças. Em contexto pensado em cantos e recantos com diferentes temáticas, permitem seu livre trânsito e que, ao mesmo tempo, proporciona ricas interações... Também é importante lembrar que o espaço tem um caráter simbólico, pois oferece um ambiente de cumplicidade, que permite a emergência das singularidades, das diferentes identidades, das experiências, dos sentimentos e das emoções.”

Portanto, a organização dos espaços na educação infantil é uma questão de extrema relevância para a instituição escolar, sendo que de certa forma, é um item que afeta diretamente o processo ensino-aprendizagem.

O espaço físico adequado para brincadeiras e atividades lúdicas também em sala de aula servem para desenvolver plenamente as capacidades de cada criança.

Daí a necessidade dos educadores de um modo geral, em planejarem suas aulas de acordo com o Projeto Político Pedagógico, com a Base Nacional Comum Curricular e o Referencial Curricular Nacional para o Ensino Infantil, levando em conta também os recursos físicos e instrumentais (brinquedos e jogos) que a escola é capaz de oferecer.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar na importância da brincadeira é refletir, sobretudo, acerca do respeito às subjetividades individuais e levar em consideração que os mecanismos de aprendizagem devem abranger métodos que envolvam a capacidade instintiva da criança em construir suas relações a partir de suas vivências pessoais, sejam elas reais ou imaginárias, guiadas pelo educador para enriquecer o processo de aprendizagem.

Concomitante a isso, estimular a brincadeira no ambiente escolar auxilia no desenvolvimento da psicomotricidade, tendo em vista que durante essas atividades há a satisfação das necessidades sociais da criança, além do desenvolvimento das percepções sobre o espaço, a motricidade e a relação da criança com seu corpo.

Tais aprendizados são vistos como uma linguagem própria de comunicação através do movimento, capazes de oportunizar também vivências emocionais aos indivíduos. Neste sentido, a brincadeira, ou os jogos infantis são instrumentos naturais e necessários para que a criança desenvolva satisfatoriamente sua estrutura psíquica. Esta ideia consta presente na psicologia do desenvolvimento, em especial nos estudos de Wallon.

Além disso, as regras dos jogos, muitas vezes instituídas pelas próprias crianças, indicam a formação inicial de uma moralidade social voltada ao justo e ao que é amigável. Neste contexto, o trabalho pedagógico a partir de atividades lúdicas deve receber uma notoriedade maior no planejamento educacional, haja vista sua relevância na formação dos futuros cidadãos, socialmente adaptáveis, conscientes e perceptivos quanto ao significado de valores morais.

Entretanto, para que as atividades lúdicas possam ser adequadamente prestadas no ambiente escolar como instrumentos pedagógicos e, conseqüentemente, demonstrem resultados prósperos, faz-se necessário um completo estudo e planejamento escolar, que considere, neste contexto, a partir da elaboração do Plano Político Pedagógico, a conexão entre a realidade lúdica dos jogos infantis, as metas de aprendizado e o espaço físico da escola.

Além disso, considera-se que os educadores também devem estar inseridos na *filosofia do brincar para aprender*, através da atualização permanente de seus conhecimentos sobre a temática, o que lhes possibilita pensar de maneira mais dinâmica e intersubjetiva suas estratégias pedagógicas e materiais didáticos para

uma melhor interação com os educandos.

Salienta-se, nesta perspectiva, a importância do espaço adequado para a realização das atividades lúdicas. Os pesquisadores revisados comentam que não basta haver toda sorte instrumentos e estratégias se o espaço físico não for desafiador e atrativo para as crianças.

Assim, a despeito da forma como as atividades lúdicas ocorrem – e neste sentido, consideram-se os jogos eletrônicos que, em regra, não são tão afetados pela relação com o espaço físico –, a organização do espaço físico deve propiciar, por si só, uma série de novos aprendizados à criança.

Remonta-se, neste ponto, a teoria de Wallon, ao dizer que a primeira reação infantil é puramente *fisiológica*; logo, a criança reage sem qualquer capacidade de elaboração interpretativa. Isto reforça a necessidade de estruturação de um bom espaço físico, para que a criança consiga sentir-se confortável e adequada ao espaço de brincadeiras.

A correta destinação de espaços para atividades lúdicas, portanto, tem papel decisivo na educação infantil. Tais ambientes devem proporcionar o livre movimento das crianças, com condições adequadas de segurança, assim como retratar a identidade delas. Portanto, para muito além de apenas atividades recreativas, as brincadeiras e os jogos infantis são, conforme se verificou nas teorias de desenvolvimento infantil, contribuintes essenciais para a expressão corporal, social, intelectual e emotiva das crianças.

É nessa linguagem corporal de descobertas e comunicação que os indivíduos são capazes de se situarem como integrantes de uma comunidade. É a partir dessa percepção da sociedade como um conjunto de relações é que serão capazes de atuar como seres participativos e conscientes de suas relações individuais e interpessoais, como também da maneira como suas ações podem afetar o coletivo.

No contexto das políticas educativas, esta percepção já foi institucionalizada através da BNCC e da RCNEI. Do ponto de vista acadêmico, a (re)estruturação dos princípios pedagógicos neste recorte tem sido potencializada, em especial, após a adoção de novas tecnologias digitais no espaço escolar, que trazem outros níveis de interação, aprendizagem e sociabilidade.

Todavia, no plano prático, as instituições escolares – com maior atenção às escolas públicas – tem pouca ou nenhuma possibilidade de estudo e elaboração de novos planos pedagógicos que incluam brincadeiras e jogos infantis, devido à falta

de estrutura para tanto.

Cumprir comentar que as análises consideradas e os resultados obtidos teriam melhores contornos se houvesse um estudo de campo. Diferentemente da maioria das pesquisas humanísticas, as pesquisas relativas à Psicopedagogia e Psicologia da Educação tem reflexões teóricas fundamentadas em estudos laboratoriais ou observação de grupos. Entretanto, este elemento prático não foi possível ser desenvolvido, tendo em vista as restrições sanitárias impostas pela pandemia de COVID-19 desde o ano de 2020.

O que é preciso compreender é que as crianças são sujeitas de direitos em formação, que necessitam envolver-se com diferentes linguagens para enriquecer suas experiências, pois é através destas vivências é que se constitui o seu pleno desenvolvimento.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BARBOSA, M.C.S. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**, 2007. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BARBOSA, Maria C. S. HORN, Maria da G.S. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre, Artmed, 2008.

BASEI, Andréia Paula. **O movimentar-se humano na Educação Infantil: contribuições da educação física para o desenvolvimento da criança**. In.: Revista EFDeportes, ano 13, n. 125. Buenos Aires, 2008. Disponível: <https://www.efdeportes.com/efd125/contribuicoes-da-educacao-fisica-para-o-desenvolvimento-da-crianca.htm>. Acesso: mai/21.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988: art. 227**. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso: abr/21.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ VOLUME1** 2002, Ministério da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ VOLUME2** 2002, Ministério da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

COLL, Cesar. **Desenvolvimento Psicológico e Educação, Psicologia Evolutiva**. volume1. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COTONHOTO, Larissy Alves; ROSSETTI, Claudia Broetto. **Prática de jogos eletrônicos por crianças pequenas: o que dizem as pesquisas recentes?**. Rev. Psicopedagogia, v. 33, n. 102, p. 346-357. São Paulo, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: mai/21.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FONSECA, Victor. **Psicomotricidade**. – 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GARCIA, A. S. [online, s/a] **O desenvolvimento da linguagem**. Disponível: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/odesenvolvimento.htm>. acesso: mai/21

HANK, Vera Lucia Costa. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança**. Trabalho de Monografia. Indaial/SC: UNIASSELVI, 2006. Disponível: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm>. Acesso: mai/21.

LIMA, L.R.; DELMÔNICO, R.L. **Estudo Sobre a Importância da Brinquedoteca no Ambiente Escolar como Espaço Mediador de Aprendizagens, Sob o Ponto de Vista dos Professores da Rede Municipal de Ensino do Cornélio Procópio**. In.: Só Pedagogia. Virtuosa Tecnologia da Informação, 2010. Disponível: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/importanciadabrinquedoteca1/index.php?pagina=4>
Acesso: mai/21.

LUIZ, J.M.M; SANTOS, A.C.B.; ROCHA, F.F.; ANDRADE, S.C.; REIS, Y.G. **As concepções de jogos para Piaget, Wallon e Vygotsky**. In.: Revista EFDeportes, ano 19, Jul/2014. Buenos Aires: EFDeportes, 2014. Disponível: <https://www.efdeportes.com/efd195/jogos-para-piaget-wallon-e-vygotski.htm>. Acesso: mai/21.

LUSSAC, R. M. **Psicomotricidade: história, desenvolvimento, conceitos, definições e intervenção profissional**. In.: Revista EFDeportes, ano 13, Nov/2008. Buenos Aires: EFDeportes, 2008. Disponível: <https://www.efdeportes.com/efd126/psicomotricidade-historia-e-intervencao-profissional.htm>. Acesso: mai/21.

MACHADO, Josefa et al.. **A importância da brinquedoteca para crianças em espaços não escolares e sua contribuição à educação.** Anais VI ENID & IV ENFOPROF / UEPB... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/39143>>. Acesso em: mai/21

MATOS, E.C.A.; LIMA, M.A.S. **Jogos eletrônicos e educação: notas sobre a aprendizagem em ambientes interativos.** In.: Novas Tecnologias na Educação, v. 13, n.1, Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/57595/34569>. Acesso: mai/21.

MOUSINHO, R; SCHIMD, E.; PEREIRA, J.; LYRA, L; MENDES, L.; NÓBREGA, V. **Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades podem surgir neste percurso.** In.: Revista Psicopedagogia, n. 25, vol. 78. São Paulo: 2008. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862008000300012. Acesso: abr/21.

NEVES, Livia Almada. **Corporeidade: uma filosofia de atuação na educação física.** Trabalho Monográfico. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF, 2009. Disponível: <https://www.ufjf.br/faefid/files/2010/08/TCC-L%C3%ADvia-Neves-CORPOREIDADE-UMA-FILOSOFIA-DE-ATUA%C3%87%C3%83O-NA-EDUCA%C3%87%C3%83O-F%C3%8DSICA.pdf>. Acesso: abr/21.

NOVAIS, A.; MELO, J. E.; SERPA, P.R. **El movimiento como expresión corporal en la Educación Inicial.** In.: Revista EFDeportes, ano 19, Jul/2014. Buenos Aires: EFDeportes, 2014. Disponível: <https://www.efdeportes.com/efd194/o-movimento-como-expressao-corporal.htm>. Acesso: mai/21.

PELLEGRINE, Marina Joaquim. **A importância dos jogos e das brincadeiras na educação infantil.** Trabalho Monográfico. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2007. Disponível: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18593/2/Marina%20Joaquim%20Pellegrine.pdf>. Acesso: mai/21

ROSSI, Francieli Santos. **Considerações sobre a psicomotricidade na Educação Infantil**. In.: Revista Vozes dos Vales, n.01, ano 1, 05/2012. Vale do Jequitinhonha: UFVJM, 2012. Disponível: [http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Considera%
5es-sobre-a-Psicomotricidade-na-Educa%
a7%c3%a3o-Infantil.pdf](http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Considera%c3%a7%c3%b5es-sobre-a-Psicomotricidade-na-Educa%c3%a7%c3%a3o-Infantil.pdf). Acesso: mai/21.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **A evolução psicológica da criança..** In.: Domínio Público. Brasília: MEC/Fundação Joaquim Nabuco, 2010.